

## A Intenção e Avaliação durante a Interação: o Processo de Gramaticalização da Dúvida

Elaine Cristina Silva Santos (UFS)  
elacris@usp.br

### INTRODUÇÃO

Com o surgimento dos estudos de linguística baseados no uso, inicia-se um novo modo de observar os fatos linguísticos. Agora, o foco de interesse não recai propriamente na descrição da língua como sistema autônomo e estável, nem somente na língua como instrumento para atingir determinados fins, um sistema complexo por natureza, mas como um. Tendo em vista que os processos de mudança da língua respondem às necessidades interativas durante a comunicação, Lima-Hernandes (2005; 2008; 2010), é de se esperar que essa dinâmica promova uma contínua (re)organização da mente no sentido de incorporar um uso novo por caminhos produtivos disponíveis na bagagem de conhecimento prévio de todo falante no exercício de compreender a perspectiva do outro. Um desses processos é o de *gramaticalização*, que promove que conceitos “concretos” sejam mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de fenômenos mais abstratos<sup>1</sup> e, num plano construcional, a atração de formas semelhantes para funções inovadoras. Dessa forma, construções mais arraigadas na língua mobilizam-se para o entendimento, explanação e descrição de outras construções menos usuais, que acabam reanalisadas e agregadas às primeiras.

Funcionalistas cognitivistas têm se voltado para o contexto de emprego, para a combinação de signos linguísticos e não-linguísticos (como gesto, força ilocucionária, convicção etc.). Quanto mais ritualizado parecer uma construção, mais abstratizada será com a incorporação de elementos pressupostos e/ou inferidos. Essa ritualização tem como efeito correlato a alta frequência de uso, que retoma o círculo virtuoso: alta frequência > automatização > inconsciência...

Haiman (1994)<sup>2</sup> e também Bybee (2003), dentre outros, se interessaram em explicar esse mistério de frequência e de abstratização de expressões. Haiman voltou-se para o efeito do uso e Bybee para o método de apreensão desses efeitos. Ambos, contudo, defenderam que a frequência de uso e o esvaimento de uma prática atuariam como gatilhos para a habituação, sucedida pela blocagem do uso (automatização) e posterior redução fônica. Todos esses fenômenos linguísticos culminariam com a

---

<sup>1</sup> Justamente por essa razão, Heine (1994) defende que, para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário que se realize uma análise sobre a manipulação cognitiva e pragmática, razão por que a transferência conceptual e contextos que favorecem a reinterpretação devem ser observados.

<sup>2</sup> Haiman, por exemplo, defendeu que alguns fenômenos revelam-se no uso: a) **habituação** – que resultaria da repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural de sua força e frequência de seu significado original; b) **automatização** (de sequência ou unidades) – que teria como efeito o uso em bloco em determinado contexto; c) **redução da forma** – que ocorreria com o enfraquecimento e reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações; d) **emancipação** – que provocaria a passagem de funções mais instrumentais para funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico.

emersão de uma função mais gramatical<sup>3</sup>. Mas a pergunta persiste: como se dá essa passagem? Qual o processo ou mecanismo que responde a essa mudança?

Alinhados com Clark (2000)<sup>4</sup>, assumimos que língua e também linguagem são formas de cognição e também de processamento social, porque servem para fazer coisas no plano individual e também realizar ações conjuntas (plano social)<sup>5</sup> que podem ser assumidas como hábito na sociedade (plano cultural). Conhecer, portanto, como o indivíduo codifica uma intenção pressupõe recolher pistas de processamentos cognitivos na codificação linguística.

A mente do indivíduo, a não ser quando alvo de processos patológicos, não involui. Assim também é o processo de gramaticalização e de construcionalização. Especificamente nas construções, as menos complexas são imantadas pelas mais complexas. As molas desse processo são mecanismos mentais a partir dos quais linguistas formulam princípios, daí, por exemplo, a unidirecionalidade e a iconicidade. Depreender a atuação desses, contudo, nem sempre parece ser uma tarefa fácil.

Uma outra perspectiva analítica que permite investigar a dinâmica gramatical é aquela desenvolvida pelos primeiros estudos do Grupo de Pesquisa CNPq-USP “Mudança Gramatical do Português - Gramaticalização”, cujos pesquisadores associados descrevem e explanam as funções de itens e construções que vão ganhando em complexidade linguística à medida que objetivos e intenções cada vez mais complexos são manifestados<sup>6</sup>.

Assumindo uma abordagem que mescla os estudos sobre gramaticalização e a descrição da língua baseada no uso, este artigo toma como foco o estudo da construção *às vezes*. No entanto, não nos restringiremos ao estudo das categorias linguísticas; voltaremos nossa atenção para a relação entre as categorias que compõem essas construções e as atitudes, intenções e avaliações do falante durante a interação, já que, segundo Givón (2011), a estrutura da experiência é transposta pelo ser humano para a estruturação linguística.

A questão central é identificar as reais mudanças de enfoque no ensino das classes de palavras, principalmente, do advérbio e mais especificamente das locuções adverbiais temporais.

A despeito de se ter uma vasta bibliografia a respeito do tema “advérbios”, tanto do ponto de vista de trabalhos pedagógicos quanto do ponto de vista de descrições

---

<sup>3</sup> Esses mesmos indícios podem se manifestar – e comumente o fazem – no processo de lexicalização.

<sup>4</sup> “Em alguns campos, o uso da linguagem tem sido estudado como se fosse inteiramente um processo individual, como se ele coubesse totalmente dentro das ciências cognitivas – Psicologia Cognitiva, Linguística, Ciência da Computação, Filosofia. Em outros campos, ele tem sido estudado como se fosse um processo inteiramente social, como se ele estivesse inteiramente dentro das ciências sociais – Psicologia Social, Sociologia, Sociolinguística, Antropologia.” O autor afirma que o uso da linguagem pertence a ambos. Clark, (2000).

<sup>5</sup> Clark, com esse espírito de associar cognição com aspectos sociais da linguagem, apresenta um desdobramento em seis proposições fundamentais que podem servir de pistas metodológicas ao trabalho linguístico: proposição 1 – A linguagem é fundamentalmente usada com propósitos sociais; Proposição 2 – O uso da linguagem é uma espécie de ação conjunta; Proposição 3 – O uso da linguagem sempre envolve o significado do falante e o entendimento do interlocutor destinatário; Proposição 4 – O cenário básico para o uso da linguagem é a conversa face a face; Proposição 5 – O uso da linguagem tem frequentemente mais do que uma camada de atividade; Proposição 6 – O estudo do uso da linguagem é tanto ciência cognitiva quanto ciência social.

<sup>6</sup> Sobre esses trabalhos, consultem-se os *links* do site [www.mgp.fflch.usp.br](http://www.mgp.fflch.usp.br).

funcionalistas, ainda é preciso que se analise o tema do ponto de vista da própria construção ou estruturação feita pelo usuário da língua, em sua composição sintática, já que a sintaxe sempre foi mantida como a grande representante do ensino mais tradicional. Também é necessário voltar-se ao tema de evolução de advérbios de dúvida, tema deixado à margem das discussões há tempos. Esse enfoque assumimos, mas numa abordagem da linguística baseada no uso em correlação com a teoria da gramaticalização. Para isso, identificaremos padrões funcionais da construção *às vezes* nas amostras de redações da FUVEST dos anos de 2010 e 2011 e em redações da UFS (Universidade Federal de Sergipe), também dos anos de 2010 e 2011.

## 1 - A LINGUÍSTICA BASEADA NO USO

Numa orientação funcionalista, parte-se do pressuposto de que a língua é um sistema semântico. Essa perspectiva, porém, não reduz a forma de tratamento dos dados, ou seja, não somente as propriedades semânticas são foco de interesse em estudos descritivos. Na mais recente corrente teórica funcionalista, a da Linguística Baseada no Uso (LBU), é imprescindível que os usos sejam tomados a partir de todo o contexto discursivo-pragmático em que foram realizados. A justificativa para isso é que toda situação interativa carrega em sua codificação sintática as marcas do *locus* da comunicação, sejam elas atinentes às intenções dos indivíduos, sejam elas atinentes às forças decorrentes do tema ou mesmo do que se sabe (ou se imagina saber) sobre a bagagem discursivo-pragmática do interlocutor.

A ideia subjacente a essa orientação é justamente a alta correlação entre contexto e codificação linguística ou, a exemplo do que diriam os evolucionistas, como Tomasello (2003), e os cognitivistas, como Givón (2011), o contexto que cerca o ato de fala é o espaço de relevância para a análise porque todos os aspectos gramaticais foram, previamente, contextos pragmáticos. Nesse sentido, nossos coespecíficos humanos continuariam a replicar nesse sofisticado sistema simbólico de comunicação todas as suas intenções e impressões via organização de informações nas sentenças. Givón, (2011).

A competência comunicativa dos indivíduos advém, em suma, não somente de sua capacidade de codificar e decodificar informações, mas originariamente de sua competência adquirida para compartilhar espaços mentais, categorizações e simbolizações. Tais intenções seriam manifestadas via estabelecimento e reconhecimento de espaços conjuntos de atenção, uma habilidade desenvolvida e aprimorada durante o desenvolvimento ontogênico.

Linguistas vinculados ao funcionalismo assumem, numa orientação givoniana, que a língua em uso deve ser estudada numa relação de tensão entre gramática e discurso. Esse postulado básico permite perceber, então, que o discurso molda a gramática, e a gramática molda o discurso. Logo, é no interior do discurso e sob a influência do contexto que a gramática emerge e se transforma continuamente. E isso permite reconhecer que o uso da língua manifesta continuamente a emergência de regras variáveis em seu sentido mais restrito e teórico, mas não somente isso. Também permite verificar uma dinâmica contínua de manutenção e mudança de usos ao longo dos tempos por uma comunidade.

O resultado disso é que o trabalho do linguista, segundo Givón (1995), pede um modelo a mesma altura sofisticado para a competente descrição desses usos. Um modelo pareado com essa exigência toma como ponto de partida uma gramática que: (i) é percebida como um conjunto de estratégias que serve a uma comunicação coerente, ou seja, livre de regras fixas que conservam sentenças gramaticalmente adequadas; (ii) é constituída de usos linguísticos continuamente demandados, daí sua instabilidade; (iii) deve ser considerada dinâmica, pois se adapta aos objetivos comunicativos dos falantes não sendo, portanto, pré-estabelecida; iv. decorre das inferências cognitivas e, principalmente, das pressões de uso.

Com base nessas propriedades especificadas, Givón (1993, 1995) concebe a correlação entre codificação linguística e função cognitivo-comunicativa numa correspondência analítica que assume o seguinte formato:

<b>Função cognitivo-comunicativa</b>	<b>Codificação</b>
Significação lexical	Sistema sensório-motor
Semântica proposicional	Sistema gramatical
Pragmática discursiva	Sistema gramatical

#### **QUADRO I – NÍVEIS DE CODIFICAÇÃO LINGUÍSTICA**

De antemão, é relevante esclarecer que essa codificação dividida em três níveis não equivale a uma ordem de manifestação, pois elas manifestam-se conjuntamente numa mesma sentença, ou seja, sobrepõem-se continuamente no processo comunicativo. Também cabe salientar que os indivíduos codificam intenções, informações e impressões em graus distintos de consciência, tanto derivado das suas experiências, em suas experiências linguísticas de sucessos e insucessos, quanto de suas experiências no processo de escolarização.

De todo modo, numa interpretação menos estrita das experiências individuais, é possível afirmar que as informações contidas no quadro I podem ser interpretadas a partir da coluna à esquerda da seguinte maneira: no parâmetro da significação lexical, as palavras codificam os conceitos por meio de sons; na semântica proposicional e na pragmática discursiva, a codificação é realizada pelo sistema gramatical, incluindo nessa instância todos os subsistemas linguísticos necessários à conformação comunicativa. Portanto, a informação proposicional em sentenças e a coerência textual das sentenças em seu contexto discursivo são codificadas pela gramática.

Uma definição do que se entende por ‘pragmática discursiva’ em Givón (1993, 1995) pode ser apreendida com a refutação de um ‘extrapolamento’ dos limites da frase no nível textual. A teoria funcionalista givoniana concebe a gramática não só no nível da oração, mas também no nível textual, salientando, assim, relações linguísticas estabelecidas nos dois níveis. Dessa forma, um item ou construção poderia sofrer mudança de nível de atuação: da sentença para o texto, atuando, então, na organização textual. Extensivamente, pode-se intuir que as virtualidades históricas da língua e

cognitivas do indivíduos possibilitem que um item possa atuar em dois planos distintos. É o que temos percebido ocorrer com locução temporal *às vezes*, que codifica tempo alternativo, constatável a partir de fatos historiados e a construção *às vezes*, que codifica um conteúdo discursivo-pragmático do indivíduo, a dúvida, a incerteza.

O que não estava explicitado por Givón (1995) é se o sistema gramatical abrangeria também o que os linguistas haviam até então classificado como *marcadores conversacionais*, isto é, se o que o autor atestava como função pragmático-discursiva recobriria os aspectos linguísticos mais relacionados ao nível da interação, principalmente no que tange às estratégias processuais mobilizadas para a organização no plano das ideias. Já em 2009 (Santos), hipotetizávamos que sim, porque, mesmo quando lançávamos mão do uso desses marcadores, continuávamos a fazer o que sempre fazíamos nas situações interativas: a sinalização de intenções e de processamento comunicativos atinentes ao interlocutor. Por isso lidar com o escopo gramatical foi se tornando uma exigência cada vez maior. Foi também o que demonstrou Traugott (1995) ao considerar que a gramática estruturava aspectos comunicativos da linguagem e que englobava não só a fonologia, a morfossintaxe e a semântica, mas também elementos pragmáticos, como os usos dêiticos e as estratégias de topicalização. À época, a autora defendeu que algumas características, como fortalecimento pragmático e subjetivação – aqui considerados como estratégias disponíveis à codificação do falante – deveriam ser relacionados como elementos pertinentes ao processo de gramaticalização e, portanto, como intrínsecos à língua em uso.

## **2 - CONTEXTOS TÍPICOS DA DÚVIDA NO PORTUGUÊS FORMAL ESCRITO**

Quando pessoas conversam, normalmente afirmam narrando ou argumentando, e quando não compreendem algo, perguntam ou pedem esclarecimentos. Narrar e argumentar, por um lado, e afirmar e perguntar, por outro, são, respectivamente, formas de conformar a língua e a linguagem às intenções individuais e graus distintos de um *continuum* de polaridades linguísticas, normalmente trabalhado por funcionalistas. No caso dessa segunda distinção apresentação, é senso comum que afirmar e perguntar distinguem-se de negar, este um grau máximo de uma das polaridades linguísticas.

A negação estaria, assim, num polo oposto ao da afirmação. Configura-se, em diferentes níveis, de modo diferente de outros graus de polaridade, tais como o de perguntar, de duvidar ou de manifestar incerteza. Talvez essa seja a forma de iniciar esta análise.

Ter a consciência de que há uma discretude maior entre afirmar e negar, assim como entre negar (por exemplo: Não sei o que você disse.) e perguntar (por exemplo: O que você disse?) ou entre afirmar (por exemplo: Sei o que você disse.) e perguntar. Não é difícil fazer um questionamento por meio de uma pergunta indireta explicitada via afirmação (por exemplo: Quero saber o que você disse.). São frases com curvas prosódicas específicas e uma organização sintática também adequada ao propósito.

Há casos menos polares e menos discretos que se apresentam como questionamentos quanto às suas propriedades. É o que percebemos com as intenções de

manifestar dúvida e incerteza. Seriam propósitos sinônimos? É o que passamos a discutir na próxima seção.

## **2.1 - A DÚVIDA E SEUS PADRÕES FUNCIONAIS NO PORTUGUÊS ESCRITO FORMAL**

A **dúvida**, segundo informações contidas no Dicionário Michaelis, equivale a sete acepções: “1. ato ou efeito de duvidar; 2. incerteza acerca da realidade de um fato ou da verdade de uma asserção; 3. dificuldade para se decidir, hesitação; 4. Dificuldade em acreditar; ceticismo, descrença; 5. Objeção (*Opôs dúvidas*); 6. Discussão, questão, alteração; 7. Suspeita.” (Michaelis, 2012, *dicionário de português online*).

A **incerteza**, por sua vez, encerra em si apenas uma acepção, segundo Houaiss & Villar (2012, *dicionário de língua portuguesa online*), que é o estado ou o caráter do que é incerto, ou seja, em que falta a certeza, que alimenta a dúvida, a hesitação, a indecisão e a imprecisão.

Comparando **incerteza** e **dúvida**, verificamos que a dúvida apresentada é o efeito causado pela incerteza contida em algum fato, objeto, estado ou ação. Então, o *locus* da dúvida é o processamento interior do indivíduo, que percebe alguma inconsistência (algum fato incerto ou que permita reconhecer sua incerteza). Incertos são os fatos, objetos, estados e ações inconsistentes em face do que o indivíduo toma como certo, corriqueiro e esperado.

Sendo assim, embora sejam tidos como claramente equivalentes semanticamente, na verdade, um contribui para que o outro se desencadeie. A incerteza de algo produz a dúvida no indivíduo. Pode-se mesmo dizer que a incerteza de algo existe na linguagem quando o indivíduo a codifica em forma de dúvida.

## **2.2- CONSTITUINDO UM CORPUS: A COMPOSIÇÃO DAS AMOSTRAS**

No ensino médio, há que se investir no aprofundamento da análise linguística com utilização de gêneros mais elaborados com vistas à discussão de funções mais abstratizadas e complexas. Nessa proposta, espera-se que o aluno seja convidado a refletir sobre a realidade, transformação e sistematização da língua, sem usos mascarados, a não ser que seja como subterfúgio à indagação. A dinamicidade no tratamento do conteúdo pode se refletir na forma como se solicita a participação do aluno. Assim, também os exercícios devem contribuir para a atitude menos passiva do aluno, com estímulos vindos da própria língua em uso e de empregos inovadores reconhecidos em diferentes contextos.

É na busca, identificação e explanação desses empregos inovadores em que este estudo também se baseia. Para dar conta disso, será necessário reconhecer também os demais padrões de uso, ainda que não-inovadores, e situar o conjunto inovador numa linha de evolução a partir desses usos não-inovadores.

Este estudo, por isso, objetiva a análise, à luz do processo de gramaticalização, das estruturas integradas pela construção *às vezes* averiguando a trajetória assumida por essa construção e a direção das influências interacionais e sociais no comportamento desse item.

Constituem-se alvo de análise materiais oriundos do acervo de redações da FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular) de 2010 e de 2011, que reúne as

redações produzidas pelos candidatos ao exame vestibular da Universidade de São Paulo, e do acervo de redações da UFS (Universidade Federal de Sergipe) também de 2010 e de 2011. A relevância de se lidar com redações de vestibular reside justamente no fato de reconhecemos esse lugar de produção como o lugar ideal para recolher a repercussão do ensino escolar. Se a orientação gramatical normativa ou reflexiva estiver efetivamente em sala de aula, a resposta conscientemente baseada nos padrões normativos será visível nos textos.

Para que possamos verificar se todas as ocorrências das expressões sob análise são inovadoras, duas ações são necessárias: 1. saber que um uso dito inovador não consta das orientações normativas; 2. descrever esse uso inovador em suas peculiaridades. Imbuídos desse conhecimento, passaremos ao exercício de agrupamento de usos segundo graus de similaridade e de diferenças. A tensão entre esses polos de comportamento permite segmentar usos que estão em contextos divergentes. Vejamos os resultados dos padrões identificados com a construção *às vezes*:

### **2.3 PADRÕES FUNCIONAIS COM VALOR DE TEMPO**

**ÀS VEZES<sup>1</sup>** – tempo, mas é um tempo que não toma todo o momento relatado (fato real) como foco, mas é uma parte do tempo desse momento, ou seja, algumas vezes dentro dessa fase. A construção *vez* carregada numa sequência temporal já explicitada em seu entorno. Pode ser parafraseada por *em alguns casos* e construindo uma ideia de recorte temporal que não é corrente e habitual, mas faz referência a fato *realis*.

(1) “*No momento estamos passando por uma fase difícil o mercado de trabalho as vezes é um pouco exigente em relação aos seus trabalhadores*” (...) (UFS/2010/01-03)

### **2.4 PADRÕES FUNCIONAIS COM VALOR DE ALTERNÂNCIA TEMPORAL**

**ÀS VEZES<sup>2</sup>** - parafraseável por *algumas vezes ocorre*, focaliza o objeto, ação ou evento como algo global, que vai sendo na sequência temporal segmentado em correlação a serviço de uma argumentação mais sólida, que permite ao produtor do texto colocar-se como conhecedor da realidade mais completa. Se usar a locução sem a outra parte, fica a ideia de partitivo focalizado.

(2) “*Há também aquelas janelas falsas, onde ao nos debruçarmos percebemos que estamos nos afastando da realidade vivida nas outras janelas e tentamos sair às vezes conseguindo, outras vezes não*”. (FUVEST/04/12-14)

### **2.5 PADRÕES FUNCIONAIS COM VALOR DE ALTERNÂNCIA DE FATO ABSTRATO**

**ÀS VEZES<sup>3</sup>** – (aproximativo) este padrão realiza-se próximo a uma ideia mais objetiva de tempo e atua para conotar uma imprecisão que se aproxima do tempo objetivo e concreto. Parafraseia-se por *aproximadamente*, embora também contenha em si a ideia temporal e de dúvida, porém não marca a dúvida de julgamento, mas a imprecisão temporal, a incerteza da hora.

(3) “*O trabalho é algo inevitável para a maioria das pessoas. As pessoas trabalham às vezes doze horas por dia para conseguir se sustentar*”. (FUVEST/06/04-06)

### **2.6 PADRÕES FUNCIONAIS COM VALOR DE DÚVIDA**

**ÀS VEZES<sup>4</sup>** – parafraseável por *talvez*. Essa construção vem antecedita por uma expressão partitiva, por meio do que o candidato demonstra ter conhecimento, bagagem de leitura, pois distribui o argumento em partes, didaticamente. Torna esse recorte

subjetivo como forma de avaliar o tema. Nesse contexto, a construção *às vezes* vem anteposta e sinaliza a avaliação do indivíduo sobre a certeza do fato. Vem numa sequência avaliativa, portanto altamente subjetiva. Também é deslocado à esquerda, ou seja, topicalizado na sentença, pois essa posição mais à esquerda é o lugar da construção de intenções e das vontades, logo das informações pragmáticas, conferindo o tom de incerteza da sequência sintática que o sucede. É possível verificar que a construção vem cercada por elementos de polaridade negativa. Considere-se para análise itens de polaridade negativa (**nem, não**, etc.) e construções de polaridade negativa (construção da interrogação e de elementos típicos, tais como *será que*).

(4) “*Esse contexto caracterizado em 1968 por Guy Debord como “sociedade do espetáculo”, nos faz refletir como as instituições atuais, já não precisam “ser” e às vezes nem mesmo “ter” mas somente “parecer”!* (FUVEST/10/05-08)

No *corpus* analisado, identificamos os seguintes padrões funcionais relacionados à construção *às vezes*, agora reorganizados em termos de sua abstratização:

*Tempo > alternância temporal > alternância de fato abstrato > dúvida*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no modelo proposto por Tomasello sobre a evolução das habilidades cognitivas humanas e sua teoria da aquisição e desenvolvimento de repertórios linguísticos, traçamos um diálogo com o uso linguístico e a intenção de codificar dúvida. Enfocamos e abordamos a Linguística Baseada no Uso (LBU). Nela vimos que é imprescindível que os usos sejam tomados a partir de todo o contexto discursivo-pragmático em que foram realizados. Permeando a abordagem sobre gramaticalização e a descrição da língua baseada no uso, enfocamos o estudo da construção *às vezes*. Assumimos durante a pesquisa a nomenclatura *construção*, para a locução.

Investigamos essa categoria traçando uma revisão gramatical a respeito do tema proposto, dando ênfase a etimologia do advérbio de dúvida e relatando a função adverbial nos livros didáticos.

Após o levantamento dos dados, com as amostras da FUVEST dos anos de 2010 e 2011 e da UFS dos anos de 2010 e 2011, discorremos considerações sobre a gramaticalização da dúvida e da incerteza no português do Brasil e sobre as implicações para o ensino de gramática. Prosseguimos então a análise da construção *às vezes* como padrões funcionais. Agrupamos os diferentes padrões funcionais encontrados, após a identificação dos usos da construção *às vezes*. Em um dado momento, buscamos informações contidas sobre *dúvida* no dicionário de Michaelis (2012) e depois sobre *incerteza*, no dicionário de Hoauiss e Villar (2012). Tecemos uma comparação entre essas duas palavras nesses dicionários e, antes da identificação dos padrões funcionais. Salientamos aqui a relevância de se conhecer os traços etimológicos da palavra *vez*, também no dicionário de Michaelis (1998).

O que pôde ser percebido até aqui é que urge aprofundar a análise linguística e instrumentalizar o aluno com vistas à competência e à reflexão sobre usos, a intenções e efeitos conseguidos em seu texto e no texto do outro, quer literário, quer não-literário, em variedades distintas, em gêneros distintos, em sua diversidade, tal como ocorre no cotidiano comunicativo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency*. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- BOYD, R. E RICHESON, P. 1985. *Culture and the Evolutionary Process*. Chicago: University of Chicago Press. In: TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Flores, 2003.
- BRUNER, J. *The nature and uses of immaturity*. American Psychologist, 1972. In: TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Flores, 2003.
- CLARK, E. *Mindware: An introduction to the philosophy of cognitive science*. New York: Oxford University Press, 2000.
- DURHAM, W. *Coevolution: genes, culture, and human diversity*. Stanford: Stanford University Press, 1991. In: TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Flores, 2003.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- \_\_\_\_\_. *English grammar: a functional based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- GIVÓN, Talmy. *Compreendendo a gramática*. [coord. trad. Maria Angélica Furtado da Cunha] Natal: EdUFRN, 2011.
- HAIMAN, J. *Iconicity*. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Ed. R. E. Asher. Oxford: Pergamon Press, 1994.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Estratificação de usos lingüísticos: inovação e mudança*. Revista Sínteses: p. 307-18. ISSN 1678-1295, 2005.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Esquecimento histórico e mudança lingüística: um risco de vida no português brasileiro*. In: LIMA-HERNANDES et alii. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. [www.fflch.usp./eventos/simelp/new](http://www.fflch.usp./eventos/simelp/new)
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Neogramático, sim, mas toda a gradiência....*Revista do GEL (Araraquara), v.7, p 1-1, 2010.
- LIMA-HERNANDES, M. C. ; RAUBER, A. L. ; OLIVEIRA, A. K. M. ; DEFENDI, C. L. ; SANTOS, E. C. S. ; SARTIN, E. G. ; CIOCCHI, K. V. ; SPAZIANI, L. ; RIBEIRO, M. ; KUHLMANN, M. C. M. de A. ; BI, M. ; VICENTE, R. B. *Livro didático e ensino de gramática: para um estudo reflexivo das classes de palavras*. Polifonia (UFMT), v. 21, p. 27-42, 2010.
- SANTOS, Elaine Cristina Silva. *Gramaticalização de verbos: o verbo 'esperar' no Português culto de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, USP, 2009.



